

17 de abril de 1978

A fraternidade que nos faz ser Igreja

De uma entrevista de Claudio Sorge a Chiara Lubich para o programa "Ottavo Giorno" (Rai Uno).

O amor que o cristão vive — e aqui está o mistério abismal e a potência escondida que, colocada em ação, pode produzir milagres — difere de qualquer outro amor existente no mundo, por mais nobre e belo que seja. É um amor de origem divina, o mesmo amor de Deus, participado ao homem e que, inserindo-se no próprio homem, torna-o filho de Deus.

E isto é premissa e causa de uma realidade incomparável: a fraternidade humana num plano mais elevado, a fraternidade sobrenatural.

Ora, nesta fraternidade, torna-se verdadeiro um fato que o Natal nos lembra: Cristo vem entre os homens, como o Emanuel, o Deus conosco. Nesta fraternidade, os cristãos estão unidos em nome de Cristo que disse: "Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles"¹. Trata-se daquela fraternidade que pode tornar Cristo presente entre os homens - mesmo onde a Igreja estivesse impedida de exercer o seu ministério. Presente espiritualmente - é claro -, porém presente. É aquela fraternidade que pode trazer Cristo no meio do povo, nas casas, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, nos escritórios, em toda comunidade ou reunião.

O Concílio e o Papa várias vezes ressaltaram esse fato: a comunidade, como uma família unida em nome do Senhor, goza da sua presença. Trata-se daquela fraternidade que nos faz Igreja, como Odo Casel afirma: "A única Ecclesia não se fragmenta numa pluralidade de comunidades, nem a multiplicidade das comunidades unidas forma a única Ecclesia. A Ecclesia é somente una, onde quer que ela esteja; é inteira e indivisa, mesmo onde somente dois ou três estiverem reunidos em nome de Cristo"².

Ora, talvez nós cristãos nem sempre tenhamos consciência desta extraordinária possibilidade. Mas, reconhecendo este fato, Deus nos dará, neste Natal, a graça de perceber melhor, de fazer frutificar mais um semelhante dom.

Nesta fraternidade, com quem quer que seja e por toda parte, podemos não estar sozinhos a pensar e a nos preocupar de como resolver os problemas humanos. Se quisermos (e basta estarmos unidos em seu nome, isto é, n'Ele e como Ele quer), Cristo estará no nosso meio, estará conosco, Ele, o onipotente! E isto nos dá esperanças. Sim, muitas esperanças.

Sem dúvida, é preciso reavivar em nossas famílias cristãs, em nossos grupos, em nossos movimentos nascidos sob a inspiração cristã, seja qual for a sua finalidade, nas obras a que dedicamos nossas forças, aquela unidade, aquela fraternidade que torna presente Cristo entre nós e nos faz Igreja, declarando-nos abertamente este nosso desejo, sem temor, sem falso pudor.

Se o Natal nos lembra até que ponto Deus nos amou, ou seja, até se tornar um de nós, é fácil entender que a lógica do seu amor o leve a querer participar de nossa vida, e a desejar viver, de certo modo, sempre no nosso meio, compartilhando a nossa alegria, as nossas dores, responsabilidades e esforços, ajudando-nos sobretudo como irmão. Ele não se contentou apenas em apresentar-se novamente a nós toda vez que nos reunimos solenemente para a celebração eucarística ou de estar particularmente presente de outras maneiras, como na hierarquia ou na sua palavra... Ele quer estar sempre conosco.

1 Mt 18, 20

2 Odo Casel, *Il mistero dell'Ecclesia*, Roma 1965, p. 179

Bastam-lhe dois ou três cristãos... e nem sequer santos! São suficientes dois ou mais homens de boa vontade que acreditem n'Ele e principalmente no seu amor.

Se nós agirmos assim, haverá na Igreja um pulular de células vivas que, com o tempo, poderão animar a sociedade que as circunda, até penetrar na massa. E esta, imbuída do espírito de Cristo, poderá cumprir melhor o desígnio de Deus sobre o mundo e dar um substancial impulso à revolução social, pacífica, mas irresistível, trazendo consequências em que jamais ousaríamos pensar.

Se Cristo histórico curou e saciou as almas e corpos, Cristo, misticamente presente entre os cristãos, saberá fazer a mesma coisa. Se Cristo histórico pediu ao Pai, antes de morrer, a unidade entre os seus discípulos, Cristo místico, presente entre os cristãos, saberá gerá-la.

Se hoje tivermos homens unidos em nome de Cristo, amanhã poderemos ver povos unidos.

Para atender ao que Deus nos pede através do Papa, parece-nos que muito já foi preparado pelo Espírito Santo. Trata-se de dar uma guinada na nossa vida cristã sempre muito individualista, frequentemente medíocre, e sobretudo, pouco autêntica.

(de Escritos Espirituais/2)